

ESPAÇO E DISTINTIVIDADE: IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE ESTÂNCIA, IGREJA DA ELITE.

Francisco José Alves dos Santos*

INTRODUÇÃO

Pretendemos analisar neste trabalho representações a propósito de um templo religioso, a igreja de Nossa Senhora do Rosário, numa cidade do interior do Estado de Sergipe - Estância¹.

Antes de nos voltarmos para a análise destas representações, vejamos alguns dados teóricos da questão que nos guiarão nesta abordagem sócio-antropológica do espaço.

É patente no âmbito das ciências sociais a idéia de que o espaço possui uma dimensão social além da dimensão física geográfica. Possui ainda uma dimensão simbólica, ou seja: "El espacio está carregado de sentido" (Castells, 1979:256). Desse modo, o espaço poderá ser meio de simbolizações diversas. Sendo a cidade um espaço sobremodo cultural, isto é, onde os homens ultrapassam a natureza, esta é, com certeza um local privilegiado para percepções e simbolizações variadas. A cidade reproduz simbolicamente a sociedade e, sua organização nas sociedades em classe, é uma metáfora da dominação (Holston, 1982:176). O espaço urbano apresenta-se, desse modo, como mecanismo de expressão de oposições significativas. No interior da cidade a ocupação diferenciada dos espaços marcará diferenças fundamentais, diferenças de caráter sócio-econômico. Para Bourdieu (1974:15) "as distinções simbólicas são sempre secundárias em relação às diferenças econômicas que as primeiras exprimem, transfigurando-as" Para o citado autor, uma classe social não se distingue das demais apenas pelas rela-

ções econômicas que estabelece, mas também por meio de distinções significativas, marcadoras de diferenças, em suma, distinções simbólicas. Essa linha de raciocínio nos servirá de guia na compreensão da Igreja de Nossa Senhora do Rosário como templo preferido da elite estanciana tradicional.

O CONTEXTO: ESTÂNCIA²

A área onde se situa a cidade de Estância fazia parte da Sesmaria doada ao mexicano Pedro Homem da Costa e seus familiares em 1621 pelo capitão-mor João Mendes, governante da capitania. No século XVIII a região se desenvolve sobretudo graças à cultura da mandioca e de cana cujos produtos eram exportados por meio do seu porto fluvial para Bahia e Pernambuco. No oitocentos passa o povoado a ser a sede da vila (até então na vizinha Santa Luzia) tornando-se por essa época um dos principais entrepostos mercantis da então província de Sergipe. Nessa fase destaca-se o comércio realizado predominantemente por portugueses vindos da Bahia e aí fixados. A partir da segunda metade daquele século, inicia-se o processo de industrialização com a instalação de algumas fábricas de tecidos por representantes da colônia lusa na cidade. A partir da década de quarenta deste século, o comércio da cidade sofre a concorrência de Aracaju e outras cidades do Estado, perdendo seu porto a importância que antes desfrutava. Com a abertura da BR 101 (Rio-Bahia) a cidade retoma parte da importância perdida. Atualmente a cidade é um dos principais parques industriais do Estado, possuindo cerca de 42 indústrias entre os quais se destacam as têxteis e as de beneficiamento de frutos. Possui 1.615 estabelecimentos agrícolas 151 estabelecimentos de comércio varejista e 8 ataca-

* Pesquisador da UFS.

distas. A elite local tradicional é composta de fazendeiros (pecuaristas e citricultores) e comerciante, sendo que muitas vezes as duas atividades são exercidas por uma mesma pessoa. Vale salientar que esses fazendeiros são em grande parte, descendentes de senhores de engenho do passado e que deixaram o cultivo da cana para se dedicarem às atividades mais lucrativas. Com figura-se ainda na cidade, uma "elite adventícia", sem a marca da tradição e recentemente chegada. As indústrias são, na sua maioria, de grupos econômicos residentes fora da cidade e mesmo do Estado. Quanto aos estratos inferiores da sociedade são operários ou pequenos comerciantes varejistas. A população urbana atual (1983) é de 31.140 habitantes.

A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: TEMPLO DE "ELITE TRADICIONAL"

Possui a cidade de Estância, na sua área urbana mais central, 3 igrejas católicas: a igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, a igreja do Amparo e a igreja do Rosário.⁵ A de Nossa Senhora de Guadalupe é a matriz diocesana, remonta ao século XVII e crê-se ter sido edificada pelo sesmeiro Pedro Homem da Costa que a teria dedicado a Nossa Senhora de Guadalupe padroeira de sua terra natal, o México. No passado (e ainda hoje) foi sede da Irmandade do Santíssimo Sacramento. A Igreja de Nossa Senhora do Amparo (ao que parece, do século XIX) deve ter surgido para servir de sede à irmandade do mesmo nome. Atualmente é utilizada, sobretudo, pelas freiras franciscanas que moram nos arredores desta.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário, por sua vez, começou a ser construída em 1772 pela Irmandade do Rosário para lhe servir de sede. Era composta, essa irmandade, inicialmente, de escravos, livres e libertos: "A partir da segunda metade do século XIX há um processo de elitização". (Santos, 1984: 16). Escravos e libertos vão desaparecendo da irmandade, ao passo que elementos da aristocracia vão nela ingressando. Na atualidade, essa tendência persiste. Embora tenha desaparecido a irmandade, a igreja do Rosário permanece como o templo da "elite tradicional". Apesar de ser a igreja de Nossa Senhora de Guadalupe a matriz diocesana e paroquial e a mais antiga da cidade, é a igreja de Nossa Senhora do Rosário que é percebida pela população como sendo o templo mais importante e até mesmo o mais antigo. Associada à importância do tempo, está a idéia de centralidade. Para a grande maioria dos entrevistados, ela está localizada no "centro". Todavia, se considerarmos o centro como local da administração, a igreja central seria a Matriz, localizada na praça principal

junto à Prefeitura, a casa paroquial, a Biblioteca Municipal, a DER-1, enfim, no núcleo administrativo e cultural. Estabelece-se assim uma diferença significativa. Na expressão de Castelló (1979:269): Hay que distinguir cuidadosamente este *centro político*, por uma parte, del *centro simbólico*, que es sobretudo emisor de valores". Desse modo, a Matriz localiza-se no "centro político", ao passo que a igreja do Rosário localiza-se no "centro simbólico" da cidade. Espaço da tradição, da "hereditariedade", como disse um dos entrevistados a propósito do referido templo.

Igreja do Rosário	Igreja Nossa Senhora de Guadalupe
Localizada no "Centro Simbólico"	Localizada no "Centro Político Administrativo"

A percepção do Rosário como templo do "centro" não é gratuita. A população tem justificativas para tal. A Praça do Rosário é tida como "ponto onde se dá para todo movimento" (entrevista número 2). Ao ligar a centralidade à idéia de antiguidade do templo: "é a igreja mais antiga" (entrevista nº 3). Exagera-se a "antiguidade". Por ser a mais importante crê-se logo se a mais antiga. A idéia de antiguidade associa-se à idéia de prestígio, de tradição, de poder. Lembramos da fala de um membro da aristocracia agrária local: "Minha família é quatrocentona. Vem desde os primórdios de Sergipe". Noutra perspectiva, a idéia de "centro" vem associada claramente aos ocupantes do espaço e sua posição na estrutura social. "Ali moravam fazendeiros, comerciantes. Os Silveiras, os Ribeiros, etc." (entrevista nº 4). O único que "coloca" a igreja do Rosário na "periferia" é um jovem. Para ele o templo do "centro" é a Matriz, por estar no "centro político" da cidade (entrevista nº 5). Para a maioria, o Rosário está no centro, "entre as famílias mais importantes da cidade" (entrevista nº 6). Vê-se desse modo que a noção de "centro" é uma realidade plantada mais no social: ao explicar a centralidade do templo em questão, remete-se sempre à importância social dos que habitam a área urbana (Praça do Rosário) onde ele está localizado. A igreja do Rosário está no "centro" porque está localizada na Praça do Rosário e esta é uma das áreas de habitação das famílias mais tradicionais e importantes da cidade na percepção de quase todos os entrevistados. No seu imaginário, está muito claramente delimitada a área de habitação das pessoas melhor situadas naquela sociedade: Praça do Rosário com prolongamento para a Praça da Matriz, a rua que liga as duas praças⁴.

Aqui faz-se necessário uma distinção entre a "elite tradicional" da cidade (agro-pecuarista e comerciante) e "elite adventícia", chegada à cidade nos últimos anos e formada sobretudo

de profissionais liberais e funcionários públicos, que se fixaram na área residencial mais nova da cidade: o Bairro das Alagoas, um antigo bairro da periferia que atualmente se elitiza.

ELITE ESTANCIANA

	Área Residencial	Atividade econômica	Templo frequentado
"Elite Tradicional"	Praça do Rosário Rua Capitão Salomão Praça da Matriz	Comércio/Indústria/e agricultura no passado Agro-pecuária/comércio no presente	Igreja do Rosário
"Elite Adventícia"	Bairro Alagoas	Profissionais liberais Funcionários públicos Altos funcionários das fábricas	

Esse movimento obedece a uma lógica de destacamento da área residencial do centro político-administrativo e comercial para uma área especializada, essencialmente residencial. Isso, contudo, dá-se apenas com a "elite adventícia". A "elite tradicional" permanece no centro tradicional da cidade e não admite dele afastar-se.

A preferência da "elite tradicional" da cidade pela igreja do Rosário é justificada a partir da tradição: "Sempre foi assim" (entrevista nº 4) ou "era deles (dos ricos) na história, no passado" (entrevista nº 6). A preferência é assim tida como vinda de muito longe, como uma "tradição" uma "hereditariedade". É ainda preferida a igreja por "ser próxima" ser "menor", "estar no centro", ter um "tcham" de elite (entrevistas ns. 1-3-4). Todas as justificativas realçam a distintividade do Rosário com relação a outros templos católicos da cidade. Ele teria algo a mais que os outros.

Quem são os devotos e frequentadores da igreja de Nossa Senhora do Rosário? A resposta aponta numa direção: "a elite tradicional" da cidade. Definidos como "gente de bem", "classe alta", "famílias tradicionais", "os ricos", "mulheres velhas ricas". Parece-nos óbvio ser o Rosário a igreja predileta e "reservada" daquela elite. É lá que esta realiza as cerimônias religiosas mais significativas. Falo dos "rituais de passagem" como batizados, casamentos, velórios e missas de sétimo dia. É no Rosário que essa elite realiza as "passagens": do paganismo para a vida cristã (batismo), da vida de solteiro para a vida de casado (ca-

samento) e, finalmente, da vida para a morte (velórios e missas de sétimo dia). Realizar essas cerimônias no tal templo exige um certo poder aquisitivo, uma vez que são cobradas taxas (para velórios e casamentos). Essas taxas têm como finalidade garantir a privacidade do templo. As tentativas de um ex-capelão de realizar casamentos de pessoas pobres nesse templo provocaram uma forte reação de sua zeladora que argumentava dizendo que quem não pudesse pagar as ditas taxas não deveria casar-se no Rosário. Segundo Bourdieu (1974:14) "inúmeras propriedades de uma classe social provêm de fato de que seus membros se envolvem deliberadamente ou objetivamente em relações simbólicas (grifo nosso) com os indivíduos das outras classes, e com isso exprimem diferenças de situação e posição, segundo uma lógica sistemática tendendo a transmutá-las em distinções significativas". É a partir dessas "distinções significativas" que a elite tradicional de Estância faz da frequência ao templo do Rosário uma das marcas de sua posição na sociedade, diferenciando-se dos demais grupos ou classes.

LEVANTANDO QUESTÕES

A igreja do Rosário é tida hoje incontestavelmente como da "elite tradicional" da cidade. No entanto, vimos que nas suas origens essa igreja estava aberta aos estratos socialmente desqualificados da sociedade (escravos e libertos). Tentaremos acompanhar um pouco este movimento de elitização do templo que fez com que a periférica igreja do Rosário, no passado, de es-

cravos e libertos, passasse a ser a igreja do "centro" das famílias. (Santos, 1984:18). Que teria acontecido? A partir da segunda metade do século XIX assiste-se a uma série de transformações de diversos níveis na sociedade da Estância. Nesse período uma leva significativa de portugueses da Bahia fixa-se na cidade, dedicando-se ao comércio e alguns, posteriormente (final do século XIX), à indústria. Esses portugueses montam suas residências na praça do Rosário e na Rua Pernambuco (rua vizinha ao Rosário) (Souza, 1984). A título de hipótese, sugerimos que: impedidos de ingressar na Irmandade do Santíssimo Sacramento, a mais elitista da cidade, que não admitia nem pobres nem pretos no seu interior, esses portugueses remediados ingressam na Irmandade do Rosário, e daí lá expulsam escravos e libertos. Junto a este movimento de "purificação" da Irmandade quanto a sua composição social, realiza-se a "reedificação" do templo, após, apenas, quinze anos do término de sua construção. (Santos, 1984:15). Essa reedificação pode ser entendida como metáfora da mudança, porque passava a irmandade a nível de sua composição. É preciso pensar ainda que, nesse período, a igreja católica no Brasil passa pelo processo da chamada romanização, o que implica dentre outras coisas numa elitização⁵.

Em Estância, o agente principal desse processo é o monsenhor Vitorino Fontes que dirige a Irmandade nas primeiras décadas deste século e que a transforma numa associação meramente piedosa sob a sua direção. (Santos, 1984:17).

Tratando-se da Igreja de N. Sra. de Guadalupe e da Irmandade do SS. Sacramento, há fortes indícios de que nas primeiras décadas deste século há um movimento em sentido inverso, ou seja, um processo de "abertura", senão ainda para os pobres, ao menos para as pessoas de cor e de posses. (Entrevista nº 4). Embora não possamos, por falta de dados, refletir de maneira mais segura, percebe-se que enquanto a Igreja de N. Sra. de Guadalupe "se abre", a Igreja do Rosário "se fecha". Embora cientes da existência de outras irmandades e igrejas na cidade, das quais não sabemos a composição social, vemos que a Igreja de N. Sra. do Rosário e de Guadalupe se interligam ou se integram de forma estrutural num jogo de oposições dialéticas, significativas. Formalizando os dados numa perspectiva diacrônica temos o seguinte quadro esquemático:

Igreja do Rosário	Igreja de Guadalupe
"aberta" para escravos e libertos "Fechada" para escravos e libertos "Aberta" para elite tradicional	"Fechado" para pobres e de cor "Aberta" para de cor se ricos "Aberta" para todos

Na atualidade, a "elite tradicional" de Estância apresenta diversos sinais distintivos que a diferenciam das demais categorias sociais da cidade. Um primeiro sinal de distintividade é a origem étnica. Ela se apresenta como possuindo remotas origens portuguesas. Temos aqui o étnico usado para afirmar prestígio no contexto da sociedade. No âmbito da economia, era a atividade comercial e industrial que distinguíam os "portugueses" dos demais. Hoje, a "elite tradicional" tem como distintividade econômica a agropecuária e o comércio. Quanto à área residencial, essa elite continua residindo na Praça do Rosário, Rua Capitão Salomão e Praça da Matriz. Todos esses dados configuram um quadro de diferenças significativas da "elite tradicional" frente a outras categorias.

ESPAÇO E DISTINTIVIDADE

Parecem ser um dado universal as simbolizações sobre o espaço. O espaço é usado para estabelecer limites, distinguir, separar. Levi-Strauss (1967:159-60), estudando aldeias de alguns povos primitivos (Omarakana e Bororo), mostra como entre estes povos o espaço é percebido e simbolizado para estabelecer relações de oposições culturais significativas, como sagrado/profano, cru/cozido, masculino/feminino, centro/periferia. Registra ele, por exemplo, que entre os Bororos "no centro da aldeia está localizada a casa dos homens, residência dos solteiros, lugar de reunião dos casados, e é tritamente interdito às mulheres" (1967:165). Também entre os Nuer, povo nilota estudado por Evans-Pritchard (1978:126) observa o antropólogo que "estes dão valores às distribuições locais". O espaço é usado para estabelecer diferenças socialmente significativas como "distância Política, distância de linhagem e a distância do conjunto etário".

O espaço aparece, no caso em estudo (igreja de Nossa Senhora do Rosário), desempenhando um papel importante (embora como vimos não exclusivo) na construção da identidade da "elite tradicional" da cidade.

Primeiramente essa elite se define pela área onde reside, percebida como o "centro" da cidade, em termos simbólicos e/ou político-administrativo.

A idéia de "centro" é rica em simbolizações. O importante, o relevante é sempre visto como central em oposição ao periférico que seria a sua negação, o seu oposto necessário estruturalmente. Também a idéia de centro remete-nos a idéia de decisão, de coordenação e direção. A elite tradicional localiza-se especialmente nessa área. Essa proximidade é rica de sentido. Pode nos sugerir (o que é verdade) que tal elite é quem dirige a sociedade, quem a coordena, quem possui a hegemonia cultural da cidade. Essa ocupação do "espaço decisório" da urbe, nos fornece assim dados para identificar as relações da elite com o resto da sociedade, que são justamente de direção ou de domínio. Ainda o "centro" da cidade, nesse caso, liga-se à tradição: origem da cidade, a sua fundação. A elite se considera como estando ligada à tradição, ao passado remoto.

É também um outro espaço (a igreja do Rosário) que constitui um elemento da identidade de "elite tradicional". É unânime a idéia de que a dita igreja é o local do culto católico preferido e freqüentado pelos membros dessa elite (Santos, 1984:17). A igreja do Rosário aparece como o local por excelência, da tradição. Não só da tradição, como do gosto mais refinado. Significativamente, os concertos de música sacra são realizados nesse templo, que abriga um acervo tombado pelo patrimônio histórico e artístico estadual.

Com relação ao templo do Rosário, podemos dizer que o étnico e a classe se articularam e transformaram um espaço "periférico", de escravos e libertos em um espaço "central", da elite.

Alguns pontos obscuros dessa dinâmica só poderão ser respondidos com futuras investigações. Algo, todavia, fica bastante evidente: o espaço (de residência e de culto) são marcas constitutivas fundamentais da identidade da "elite tradicional" de Estância. É a partir daquelas (além de outras) que esta mantém a sua estratégia de distinção dos demais segmentos da sociedade local.

NOTAS

¹ Para isso realizamos uma série de 6 entrevistas com pessoas variadas quanto à faixa etária, a posição social e o local de residência na cidade.

² Utilizamos para fazer esse resumo a monografia do SEPLAN/INEP Estância, de onde retiramos os dados sobre o passado e a atualidade da cidade.

³ Além de outros templos não-cristãos, existem na cidade muitos templos protestantes assim distribuídos: Presbiterianos - 03
Testemunhas de Jeová - 01
Assembleia de Deus - 03
Congregação Cristã no Brasil - 01
Batista - 01

⁴ Essa é a área mais antiga da cidade. O núcleo primitivo seria a Praça da Matriz a partir do qual a cidade se expandiu em diversas direções. Nesta expansão, cremos que as igrejas do Rosário e do Amparo tiveram um papel de nucleação, formando praças que vieram a se interligar através da formação de ruas.

⁵ A romanização, além da colocação da Igreja Católica do Brasil sob o controle direto do papado, significou uma identificação do clero com os grupos que detinham o poder (Moura & Almeida, 1978:329).

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEAU Pierre. "Condição de classe e posição de classe" In: A economia das trocas simbólicas, Trad. Sergio Micelli et Alti, São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 3-25.
- "A metamorfose dos gostos" In: Questões de Sociologia, Trad. Jeni Vaitsman, Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983, p. 127-135.
- CASTELLS, Manuel. La question urbana, Trad. Irene C. Oltvan, Madrid, Siglo Veintiuno, 1979.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. Os Nuer, Trad. Ana Maria G. Coelho, São Paulo, Perspectiva, 1978.
- HOLSTON, James. "A linguagem das ruas: o discurso político em dois modos urbanos" In: Anuário Antropológico 80, Fortaleza, UFCE; Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1982, p. 151-156.
- LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural, Trad. Chaim Samuel Katz e Egnardo Pires, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
- MOURA, Sérgio Lobo & ALMEIDA, José Maria Gouvêa. "A Igreja na primeira república" In: FAUSTO, Boris (Org.) O Brasil republicano, 2ª ed., Rio de Janeiro Difel, 1978, v2, t3.

QUEIRÓS, Maria Izaura Pereira de. "O
sititante tradicional e a per
cepção do espaço" In: O campe-
sinato Brasileiro, 2ª ed., Pe
tropolis, Vozes, 1973, p. 48-
71.

SANTOS, Francisco José Alves dos.
Igreja de N. Sra. do Rosário:
Religião e diferenciação so-
cial, Aracaju, 1984, mimeog.

SEPLAN/INEP. Estância, Aracaju, INEP,
1983 (Série Monografias Municí
pais, 1).

SOUZA, Raymundo Silveira, "Portugue
ses na Estância" In: Folha Tra
balhista

ENTREVISTADOS

- 1 - R. M. N. 75 anos, agro-pecuarista,
frequentadora da Igreja de N. Sra.
do Rosário
- 2 - E. L. P. 58 anos, tabeliã
- 3 - N. O. 66 anos, esposa de pequeno
fazendeiro
- 4 - V. O. L. 64 anos, professor de 1ª
e 2ª graus e vereador
- 5 - J. C. N. 21 anos, estudante, filho
de feirante
- 6 - J. B. O. 32 anos, funcionário pú
blico estadual.